

DA MÚSICA E CANTARES INDÍGENAS

TRÊS CANÇÕES DOS MAPUTO

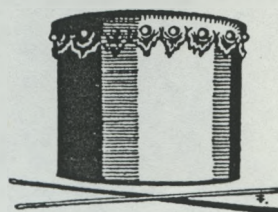


AO quási em absoluto ignorados a música e os cantares originaes dos indígenas de Moçambique.

À parte a colecção apresentada pelo missionário Henri Junod no seu precioso livro, e os documentos obtidos pela Senhora Audécourt — dos quais temos noticia apenas pelas transcrições de Junod — julgamos que nada mais há recolhido ou, pelo menos, publicado. Convém observar ainda que a obra do missionário da Rikatla data do quarto final do século XIX e que as suas investigações se circunscreveram à tribo tonga da região de Lourenço Marques.

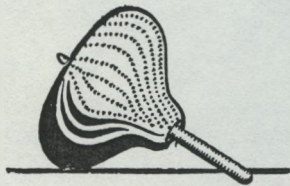
Compreende-se, pois, que é impossível, por enquanto, um estudo sobre música indígena de Moçambique. Junod não fez mais que arriscar, rodeando-o de todas as reservas, um curto comentário. Tal estudo exigiria, na verdade, um abundante e variado documentário, catalogado segundo as regiões em que as suas peças fossem colhidas, e estas tanto

quanto possível ilustradas pela fixação da época e interpretação dos sucessos, ritos, cerimónias que as produziram, lhes serviram de motivo ou enquadramento. O que há a fazer é remediar a carência pela recolha e compilação de documentos. Tal é o simples intuito desta nossa contribuição.



Já em si só esta tarefa seria, de todos os tempos, difícil. «Melodias estranhas, bem ritmadas, mas compostas segundo leis de harmonia absolutamente diferentes das nossas; nada mais difícil que a sua notação» — testemunha Junod.

A esta dificuldade há que juntar hoje, acusando-se cada dia mais, a de exegese, pela modificação do quadro natural dos usos e costumes dos indígenas, evolução do seu modo de ser, desaparecimento ou obliteração dos grandes ritos e cerimónias originais, abastardamento da tradição oral e obscurecimento, na memória dos velhos, das lendas primitivas das origens e migrações, dos factos históricos, da cronologia e fastos dos régulos... E talvez comece a ser já necessário, também, embarçarmo-nos em destrições do que nas peças que se recolham haja de puro, de típico, de criação original, ou de corrompido e deformado pela influência do colonizador, exercida muito especialmente pelas Missões, e por certo com grande poder de insinuação, pois o indígena moçambicano possui reais aptidões musicais. Seja como fôr... A música e as canções indígenas oferecem ainda muito de pitoresco, de estranho e sugestivo, com que atraíam e apaixonem o nosso interesse.



Estas três canções foram recolhidas na região do Maputo, habitada por gente tonga fortemente influenciada pelos zulos.

Uma, data do século XVIII ou começos do XIX; deve ser uma variante da que Junod registou como sendo «o grande cântico de guerra do Maputo».

A segunda é do reinado de Mussongue, última metade do século XIX.

A terceira, finalmente, é a «última novidade musical» do Maputo, criação 1934, e tem uma curiosa origem.

As duas primeiras ouvimo-las a um grupo de velhos guerreiros. Sichane, o mais idoso, solista do grupo, pertenceu às «mangas» do Mussongue, rei do Maputo aclamado em 1850. Quási um século! Mas a sua voz trémula apoiava-se ainda nas frases do canto, e o seu grito «Muai!» sobressaía virilmente do côro.



Sichane

A última foi-nos cantada por um rancho de mulheres, raparigas e homens, todos mais ou menos frequentadores da Missão.

1.^a — CÂNTICO DE ACLAMAÇÃO

Embála Ku li Ká-á em bá la Ku li Ká-á U bé Kwé ngu ba ni ma ca

1.^a ssani - e Muayi

2.^a Muayi U bé Kwé ngu ba ni Muayi Ka Ma pu la Muayi - U

gi gi gi gi Em bá la Ku li Ká á

bé Kwé ngu ba ni gi gi gi gi gi gi

Repeat

Confronte-se a melodia recolhida por Junod e que na sua colecção figura com o número 25 e o título «O grande cântico de guerra do Maputo» :

Lo-Ko Ku li ga Lo-Ko Ku li ga U bé Kwé ngu-ba-ne Mu wa yi? Mwa!

Ka Ma bu du Mwa yi Ka Ma bu du U bé Kwé ngu ban!

Não se pode deixar de notar a semelhança geral do ritmo. A frase inicial identifica-se: na canção recolhida por nós há a introdução duma nova nota no comêço da frase, e o portamento no final.

A partir do 3.º compasso, «U be kwe, etc.», as canções divergem nitidamente; a frase vem aumentada com três notas — e repare-se que no canto se substituiu o nome de Macassane ao de Muai.

Na invocação a Muai a semelhança volta de novo a sentir-se — duração da nota: 2 tempos em Junod, 1 1/2 no nosso registo, onde, precedendo-a e preenchendo o 1/2 tempo, reaparece justamente a nota introduzida no início da canção.

Mas logo a seguir, no 5.º compasso, a diferença das duas notações acusa-se de novo, acentuando-se mais notòriamente, a ponto que a frase final é inteiramente outra, embora o ritmo se mantenha ainda o mesmo.

Julgamos que se trata da mesma canção. A versão que obtivemos é mais moderna, como se prova pela substituição do nome de Muai pelo de Macassane. Possivelmente, uma primeira modificação teria sido forçosamente imposta pela necessidade de adaptar à palavra nova do canto — e que é nitidamente articulada — a frase musical. De facto, é nesta frase que as duas versões se identificam menos. As outras diferenças provirão naturalmente de adulteração inconsciente através dos anos, o que é tanto mais fácil de acreditar quanto é certo termos observado várias vezes que os indígenas nem sempre repetem com justeza a mesma melodia. Frequentemente introduzem uma ou outra pequena variação, mas sempre na perfeita tonalidade, o que é um argumento em favor da sua intuição musical, testemunhando a facilidade de improvisar.

À identidade de ritmo vem juntar-se, a confirmar a origem única das duas versões, a conservação do nome de Muai no cântico,



Os últimos guerreiros do Maputo

mesmo quando êste louvava já a aclamação de Macassane, sucessor de Muai. Julgamos que Junod se equivocou ao tomar êste cântico como de guerra. Unânimemente os velhos guerreiros que no-lo cantaram garantiram não se tratar dum canto de guerra. É um cântico em louvor do rei, entoado no acto da aclamação, nas cerimónias em que êle comparecesse, ou nas grandes reuniões na povoação real.

Traduzamos:— Ao alvorecer!... Ao alvorecer!... Quem te coroou, Macassane? (ou: quem te fez rei?)... Muai filho (ou rei) do Maputo!. Muai filho (ou rei) do Maputo!... Quem foi que te coroou?...

Junod, apesar de etiquetar êste canto «great war song», explica assim: «...a canção recorda a coroação que deve ter sido executada

muito cedo, ao alvorecer, e é evidentemente em louvor da família real que todo o exército canta esta gloriosa recordação».

Na cronologia real maputo, Muai figura como filho do primeiro rei independente da região, Maputo. Há uma versão que coloca a data da morte de Maputo entre 1790-95. Outras versões, porém, dão mais anos de vida a este rei. Ter-lhe-ia, de facto, sucedido Muai? Se sim, foi curto o seu reinado, pois Macassane, seu filho, foi aclamado em 1800.

Ora, há uma informação reportando que Muai, a quem seu pai, já velho, confiara o comando do exército maputo na guerra que movera contra o rei vizinho de Matutuine, caiu na batalha coberto de feridas de que em breve veio a falecer.

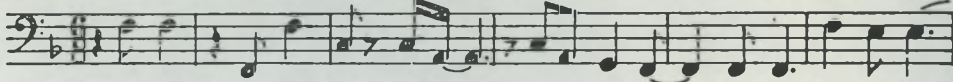
Sendo assim, ¿ como explicar a invocação a Muai neste cântico, em especial na versão de Junod, em que Muai é directamente o aclamado?

Falhou neste ponto a memória dos nossos informadores e nada de positivo conseguimos apurar. Mas não parece que seja atrevimento leviano afirmar-se que este cântico data do tempo de Muai, fins do século XVIII, conclusão legitimada pelas repetições do seu nome no cântico, onde permanece mesmo depois da aclamação do novo rei.

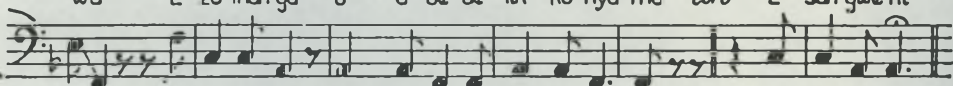
Possivelmente, nasceria o cântico na guerra contra Matutuine — e de informações neste sentido concluiria Junod tratar-se dum canto guerreiro. Muai, sucessor legítimo, comandava na guerra — atributo supremo da realeza — em substituição do velho, trôpego rei. Ele era de facto, pois, para o exército, o rei, e como tal o exército o louvava. Muai não chegou, porém, a reinar, ferido mortalmente na batalha. Macassane, seu filho, foi o sucessor de Maputo; o seu nome substituiu o de Muai na frase de aclamação. Mas o dêste manteve-se, perdurou no cântico que em seu louvor e glória fôra criado.

2.^a — UM CÂNTICO DO «MUKHUMBI»

Forrens Tu to zi Ku dá mussó-on in Ko mô zi Ká bá bá owa yi



wa E zo than ga o a dá de tin Ko nya ma cáro E san gué ni

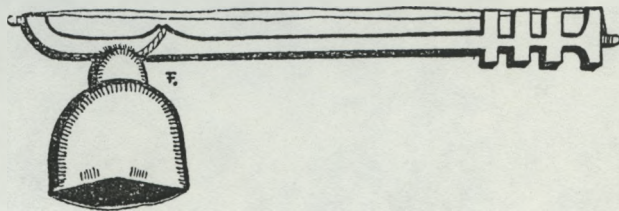


Esta canção é do reinado de Mussongue — 1850-1877. Cantava-a o exército quando se reunia na povoação principal. Não é, propriamente, um canto de guerra, mas um canto da formação do «mukhumbi» — disposição do exército em círculo, à maneira zulo.

Cântico muito interessante, rico de melodia, deve ser uma genuína expressão da alma africana. Há nela primitivismo, barbárie. Alguma coisa de selvagem e, ao mesmo tempo, de profundamente humano...

Toada triste, desolada, que se acentua sobretudo no portamento da sensível à tônica, do sexto para o sétimo compasso. O final, contra o vulgar, conclui na mediant e não na tônica — donde uma profunda impressão de melancolia, de abandono, de fatalidade...

O sentido é obscuro. — «O regimento está longe, Mussongue. — Os bois do meu rei (ou do meu pai)... — O regimento que vestia a pele de vitela...»



Os velhos guerreiros que nos contaram esta estranha, impressionante melodia, não souberam explicá-la. Na organização militar zulo, que os maputo cedo imitaram, os regimentos distinguiam-se por diversos ornatos — peles, chifres, penas. Não há, pois, que estranhar a frase: «regimento que vestia a pele de vitela». Mas nem por isso o sentido se abre a uma interpretação.

A canção merece, todavia, registo, pela sua singularidade e pela sugestiva expressão melódica duma dolorida incerteza, duma comovida amargura, angústia para nós inexplicável mas que vivamente se nos comunica no côro grave, profundo, cavo...



3.ª — CANÇÃO DA MACHAMBA E DOS GAFANHOTOS

O Administrador do Maputo insistira com a sua gente para que fizesse machambas de algodão. Começaram a fazê-las... mas surgem os gafanhotos!

‡ Para quê canseiras e trabalhos se os gafanhotos voam, poisam, saltam na machamba? Porque mandam trabalhar assim?... Não vêm os gafanhotos?...

E a cantiga nasce, entre o trabalho...

É um lamento? Uma censura?...

boca fechada *(raparigas)* Kali a hé djula -

(mulheres) lé-cabanga Kó li ahé djul' lé-caban ga Kali a hé djula -

E' dji mamasi mo E' bjá la buchala E' dji ma ma si mo E' bjá la buchala

E' dji mamasi mo E' bjá la buchala E' dji ma ma si mo E' bja la bu'chala

hke lé la mi hum bé - hlé lé la mi hum bé - Ló Ko yi Ku péa

Bá á ma manò hlé lé la mi hum bé - Bá á ma manò hlé lé la mi humbe - Ló Kó yi Ku péa

péa péa Ló Ko yi Ku péa péa péa -

póa péa Ló Ko yi Ku péa péa péa -

Eis o que se pode chamar música dos nossos tempos !
 A melodia é simples, seguida, sem grandes saltos de intervalos,
 sem dissonâncias. Está perfeitamente dentro das nossas regras de har-
 monia. Dir-se-ia que nos é familiar... O nosso ouvido capta-a fácil-

mente, sem as estranhezas, os imprevistos que se lhe deparam no «cântico do mukhumbi» e que dão dêste a impressão «selvagem»...

Ouvimo-la a 4 vozes; dois grupos femininos (um de mulheres, outro de raparigas) e dois masculinos.

Registaram-se apenas as vozes femininas. Dos homens, uns cantavam oitava abaixo com a 1.^a voz, outros em uníssono com a 2.^a, variando estes por vezes, sobretudo na entrada e no final, onde acentuam muito a nota fundamental do acorde.

Note-se a mudança do compasso inicial para o de 6/8. Imprime à



Um rancho de cantadeiras do Maputo

canção uma vivacidade — reforçada pela mímica — que contrasta expressivamente com a frase de entrada, verdadeiro queixume não isento de censura:

O «Cabanga» mandou-nos chamar
Para fazermos machamba, semear algodão.
Vêde — ó mulheres!... os gafanhotos
Que esvoaçam, esvoaçam, esvoaçam...

«Vêde — ó mulheres!»... Os braços alargam-se, num gesto de desolação, abrangendo a extensão, o vasto mato invadido pelos gafanhotos... E logo a seguir o corpo baloiça, ondula, ao ritmo da melodia, e as mãos agitam-se, «esvoaçam, esvoaçam», como os gafanhotos mesmo...

Tal é a origem desta cantiga. E para concluir, há ainda uma nota curiosa a explicar o termo «Cabanga». «Cabanga» é o Administrador. A palavra significa «pensar». Sucede que o actual Administrador do Maputo, quando lhe apresentam «milando» confuso, sem testemunhas nem provas, procura evitar que as partes desperdicem tempo «só a falar», dizendo-lhes:

— Sentem-se aí fora, «pensem» bem no caso, «pensem» como se passaram as coisas, e depois de «pensarem» voltem cá...

Está claro que êste Administrador que tanto lhes diz «cabanga», «cabanga», havia de ficar para êles — o «Cabanga»!

MARIA HENRIQUETA CALÇADA BASTOS

